
“VIDAS VIRADAS PELO AVESSO” CATÁSTROFE E BIOPOLÍTICA NA LITERATURA: CONTRIBUIÇÕES PARA A CRÍTICA LITERÁRIA

Tânia Sarmento-Pantoja¹
Viviane Dantas Moraes²

*lua à vista
brilhavas assim
sobre auschwitz?*

Paulo Leminski

As diversas facetas e os múltiplos olhares sobre o conceito de Catástrofe surgem sempre em função da urgência marcada por graves acontecimentos políticos, sociais e culturais que comprometem a vida e o direito à vida e fazem ultrapassar os limites do sentido basilar da palavra *catástrofe* em sua etimologia: “vida virada pelo avesso”.

A ideia do avesso como fundamento torna a Catástrofe uma experiência do inverso-adverso e nos chama a atenção para o jogo sempre tênue entre o comum e o anômico, como no poema de Paulo Leminski, aqui em epígrafe: à universal beleza da Lua sobrepõe-se a singular barbárie evocada por Auschwitz. A lua e auschwitz são avessos, mas ao finalizar como questão o poema desloca os termos envolvidos, ao mesmo tempo em que abala a universalidade e a singularidade que, respectivamente, os qualifica. Essa experiência do inverso-adverso é igualmente uma experiência-limite, vivida na dimensão do trauma.

É o caso dos desastres inerentes às guerras e aos conflitos, ou aquelas condições em que se faz presente o descaso com a lei e com a norma que deveriam proteger a vida e na ausência ou fragilização dessas torna a vida uma circunstância menor, desqualificada ou desinteressante. A Catástrofe é, desse modo, igualmente inerente às desmesuras advindas de um poder em constante impulso de controle sobre a vida e o corpo social, cujas projeções se alastram no modus operandi das interações humanas e nas relações sociais.

A Catástrofe, portanto, como um fenômeno ora silenciosamente sorrateiro, ora violentamente dramático jamais é tão somente um agravo que do nada se levanta, provocado por uma força abstrata ou invisível, pressupondo, dessa forma, a ausência de responsabilidade. Muito pelo contrário: por trás de toda Catástrofe há sempre uma potência – de poder, de destruição ou de desestabilização, pela qual respondem seus agentes. Os desastres naturais, geradores de catástrofes, constituem o primeiro paradigma. Mas, afora a Natureza o outro

1 Professora da Universidade Federal do Pará – UFPA; Pesquisadora do CNPq. E-mail: t.sarmentopantoja@gmail.com

2 Professora da Universidade Federal do Maranhão – UFMA. E-mail: viviane.danttas@gmail.com

maior agente da Catástrofe é decerto o desejo humano. Nesses termos, pensar a Catástrofe implica pensar sobre uma ética e uma estética da potência.

Desse modo, em um primeiro impulso, pensar sobre a Catástrofe é pensar sobre a morte, especialmente quando se trata de uma política para a morte. Contudo, pensar sobre a Catástrofe é pensar também sobre a vida. É pensar acerca do corpo vivo e de como este pode ser controlado, docilizado, amordaçado, silenciado em prol de uma sociedade de segurança e/ou de uma sociedade eficiente. Ou ainda de como os corpos – vivos ou mortos – tornam-se ferramenta, veículo ou produto. Como esses mesmos corpos tornam-se ou são capitalizáveis para gerar recursos, para serem de algum modo rentáveis; ou matáveis, quando (em geral, facilmente!) considerados impróprios ou descartáveis. Nesses processos, a Catástrofe facilmente entrecruza-se com a Biopolítica. Ou a própria Catástrofe é (ou torna-se) biopolítica.

Desse modo, os estudos aqui apresentados – todos voltados aos assaltos da Catástrofe sobre a vida – provocam, no limiar entre o saber filosófico, o fazer da crítica literária e a escrita ficcional, reflexões pautadas no conceito de Biopolítica, conforme articulações colhidas no pensamento de Michel Foucault, Giorgio Agamben e Roberto Esposito, em obras fundamentais para a imersão nesse conceito, como *O nascimento da biopolítica* e *Do governo dos vivos* (Foucault), *Homo Sacer* e *Nudez* (Agamben), *Communitas* e *Immunitas* (Esposito). Nessa constelação é fundamental ressaltar a contribuição de Achille Mbembe, autor de *Necropolítica*, que apresenta a necropolítica como a passagem da Biopolítica para a Necropolítica, esta uma política para a morte, organizada e em larga escala.

Nesses ensaios é possível observar como Catástrofe e Biopolítica entrecruzam-se. É a partir desse limiar que apresentamos os estudos em formato de artigos, que ora fazem parte do presente dossiê. Passemos à breve apresentação desses textos.

As contribuições são fruto das palestras e discussões entrelaçadas durante a realização do “I Colóquio Giorgio Agamben: reflexões sobre a Catástrofe”, evento ocorrido em 2017, planejado e executado pelo coletivo de discentes dos cursos de Doutorado e Mestrado em Letras da Universidade Federal do Pará (UFPA), sob orientação da professora Tânia Sarmiento-Pantoja, como etapa final da disciplina “Tópicos Avançados: Biopolítica nos Estudos Literários”, ministrada no referido Programa de Pós-Graduação.

No âmbito da literatura comparada Alline Araújo traça um parâmetro sobre a construção da narrativa da catástrofe, da memória e do sentido de resistência focados em diferentes contextos de produção, na medida em que traça um diálogo entre os protagonistas das obras *Verde VagoMundo*, do paraense Benedicto Monteiro e o romance *Nineteen Eighty Four*, do inglês George Orwell. Respectivamente, Miguel dos Santos Prazeres e Winston, ainda que distanciados espacialmente e temporalmente, convergem para um desejo em comum: o da resistência como revolução. Tal busca se revela no reencontro dos protagonistas com suas memórias, especialmente a memória da infância e a memória da origem. Essas memórias visam tanto a elucidação do sujeito, quanto o consequente enfrentamento dos mecanismos de silenciamento inerentes aos regimes de opressão.

O artigo proposto por Ana Júlia Lacerda e Tânia Sarmiento-Pantoja faz um estudo de cunho bibliográfico que pretende analisar a narrativa *Soledad no Recife* (romance de Uraiano Mota) e *Ausênc'as* (ensaio fotográfico de Gustavo Germano). A hipótese é a de que a

redundância pode ser uma categoria viável para a análise de produções artísticas, particularmente as de cunho testemunhal. A redundância estilística ou a repetição de informações com o objetivo de reforçá-las em sua importância, sobretudo tratando-se de um objeto artístico com teor testemunhal, se apresenta como recurso potencializador de sentimentos e expressões próprias da experiência traumática e, portanto, da Catástrofe.

O tema das narrativas e testemunhos sobre a experiência do cárcere é exposto no artigo “Os gritos do cárcere: relatos sobre as oprimidas na ditadura argentina”, de Benedito Ubiratan de Sousa. O autor discute como o dispositivo da tortura foi implementado pelo regime ditatorial argentino, em prisões para mulheres militantes, de acordo com a condição de gênero, e como a partir desse pressuposto, é possível observar que tais relatos se constroem de maneira diferenciada.

O romance *Lavoura Arcaica*, de Raduan Nassar, é analisado por Elijames Moraes sobre o prisma da relação entre patriarcado e poder soberano, no âmbito familiar, desarticulado pela presença profana do personagem André, o filho pródigo, que estremece a normatização do espaço estabelecida pelo pai, culminando no confronto e na consequente tragédia.

Na continuidade das pesquisas sobre as questões de gênero nos estudos literários, Huarley Mateus do Vale Monteiro faz uma análise sobre a categoria do travestimento no artigo intitulado “Do Travestimento como dispositivo em *A mulher do garimpo: um romance no extremo sertão norte do Amazonas*, de Nenê Macaggi”. O estudo faz uma análise da protagonista Adria, que desde criança fora travestida sob o pretexto da vulnerabilidade social em que se encontra, estratégia essa que evitaria as violações do corpo, mas que instaura conflitos, questionamentos e problemáticas acerca de tal dispositivo de proteção.

No dossiê, temos ainda a presença das narrativas orais indígenas, a partir do artigo de Maria da Conceição Vasconcelos, em que a autora faz um estudo sobre os terríveis acontecimentos conhecidos como o Massacre do Urubuã, narrados por Adilino Francisco Apurinã Itariri, indígena da etnia Apurinã, assentado na Comunidade Vera Cruz (Terra Indígena Água Preta/Inhari/Igarapé Água Preta, Município de Pauini-Estado do Amazonas). O objetivo é demonstrar de que maneira a narrativa se constitui enquanto um espaço de memória do trauma sendo, deste modo, ancorada na perspectiva das teorias do testemunho.

A seguir, no âmbito da pesquisa que envolve infância e testemunho Ladyana Lobato discute o tema do exílio direcionado às narrativas de filhos de desaparecidos políticos durante a ditadura militar brasileira, com base na análise de duas obras literárias significativas, a narrativa testemunhal intitulada “O exílio do meu pai foi a nossa despedida”, da sobrevivente Suely Coqueiro (2014) e a narrativa ficcional “Currupaco Papaco”, da escritora Ana Maria Machado (1982). O objetivo da análise é investigar nessas narrativas com esse tema, o espaço do exílio, ao mesmo tempo como um lugar utópico, um espaço de liberdade e resistência, mas também como um dispositivo de sobrevivência.

As inquietações sobre a sacralidade versus a matabilidade do humano movem a proposta de análise do conto “Um homem é muito pouco”, do escritor maranhense Ronaldo Costa Fernandes. Nesse estudo, a pesquisadora Linda Maria Bertolino traz a problemática sobre a vulnerabilidade inerente ao conceito de vida sacra na contemporaneidade, visto que as condições de subjugo social frente aos problemas sociais gerados pela ação de um poder soberano, desloca o ser humano para a condição de vida matável, vida indigna de ser vivida.

Na análise do conto, a autora coloca em parâmetro duas categorias, a sacralidade e a profanação, para mostrar como os personagens conseguem rebelar-se às imposições da força opressora, fato que os torna sujeitos facilmente aniquiláveis.

Na teia das reflexões sobre gênero e poder, o artigo intitulado “A morte, um dispositivo de poder e controle dos corpos gays”, de Rubenilson da Silva Oliveira, faz um estudo sobre o tema nas seguintes narrativas literárias: *Stella Manhattan* (1991), de Silviano Santiago; *O terceiro travesseiro* (2007), de Nelson Luiz de Carvalho e *Confissões ao Mar* (2010), de Kadu Lago. O estudo propõe a ideia de que a morte nas narrativas gays reproduz a voz da sociedade patriarcal, profundamente alicerçada na regulação dos desejos, que cerceia qualquer identidade ou comportamento contrário às normas por ela legitimadas, ou a morte como um dispositivo de não obediência à normatização social.

Finalmente, o artigo de Samantha Vieira de Oliveira faz um estudo sobre o dispositivo da delação a partir de narrativas sobre mulheres militantes que foram entregues para a ditadura militar pelos seus próprios companheiros. A análise baseia-se das narrativas *Soledad no Recife*, de Urariano Mota, e no testemunho *No corpo e na Alma*, de Derlei Catarina de Luca. O estudo comparado entre as duas produções busca reforçar a ideia de que na esfera da militância política contra regimes de opressão, a perseguição e a violência impostas eram práticas habituais e até naturalizadas, tornando a delação, deste modo, um recurso inerente aos mecanismos de controle da resistência nos estados ditatoriais.

O legado filosófico de Michel Foucault, Giorgio Agamben, Roberto Esposito e Achille Mbembe pode auxiliar o pesquisador dedicado ao estudo sobre a exceção, especialmente quando se trata de investigar como as biopolíticas, cada vez mais produtoras da nudez social, escancaram as catástrofes que se alastram sorrateiras no cotidiano das sociedades contemporâneas. Dessa forma, os problemas levantados, as narrativas literárias analisadas e as escolhas conceituais apresentados nesse dossiê têm como intuito mostrar um laboratório de análise em que se faz coerente o movimento dos conceitos e categorias aqui elencados e, desse modo, contribuir para a abertura de novas perspectivas teóricas no campo da crítica literária, dedicada a esses temas.

As organizadoras